

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Queda no preço gera desafio maior às pequenas e médias petroleiras.....	2
Título: Destaques	3
Título: Eneva acena com mais prazo para AES Tietê.....	4
Título: Curtas	6
Título: Ibovespa fecha em alta com Vale, Petrobras e papéis do setor bancário.....	6
Título: Assembleia de credores da Atvos será dia 17.....	8
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	9
Título: » Demissões	9
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	9
Título: Governo estuda reduzir imposto e dar crédito para socorrer usinas.....	9
Título: Sem água e gás, brasileiros tentam sair da Venezuela	11
VEÍCULO: O Globo.....	14
Título: Gás canalizado e GNV terão preços menores no Rio a partir de maio.....	14
Título: Medo de recessão gera nova onda de valorização do dólar	15
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	16
Título: Menos 10 milhões/dia de barris de petróleo	16
Título: ANP garante que não falta gás.....	17

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 14/04/2020****Seção: Empresas****Autor: Rodrigo Polito****Título: Queda no preço gera desafio maior às pequenas e médias petroleiras**

A crise do preço do petróleo, agravada pela queda da demanda devido à pandemia do novo coronavírus, obriga grandes petroleiras a reduzirem custos, cortarem investimentos e concentrarem esforços em ativos mais rentáveis. O cenário, porém, é mais complexo para pequenos e médios produtores, que, em geral, possuem menos oportunidades de redução de custos e aumento de produtividade.

Entre as grandes, por exemplo, a Petrobras determinou o corte de US\$ 2 bilhões em gastos operacionais e a redução de 30% dos investimentos previstos para este ano, totalizando agora US\$ 8,5 bilhões. E, desde o início deste mês, ela ampliou o corte de produção de petróleo para 200 mil barris diários.

Apenas para efeito de comparação o volume equivale a quase dez vezes a produção somada das empresas Enauta, PetroRio e Dommo Energia (antiga OGX), petroleiras de menor porte com ações negociadas na B3, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Conta a favor delas ter uma estrutura mais enxuta e mais agilidade para se adaptar a novos cenários. O problema, porém, além da falta de escala, é o tipo de ativo que elas administram. A Petrobras, por exemplo, pode focar neste momento no pré-sal, onde alguns poços chegam a produzir 40 mil barris diários e o custo de extração médio é de apenas US\$ 5,6 o barril.

“O problema não é necessariamente o tamanho da empresa, mas o perfil dos campos que ela tem no seu portfólio”, diz José de Sá, especialista em petróleo e diretor da consultoria Bain & Company no Rio. “Se é uma empresa que tem campos maduros offshore [áreas em alto-mar que já atingiram o pico de produção] você tem que se preocupar porque eles estão entre os de maior custo”.

Com produção de gás no campo de Manati, na Bahia, e de óleo, no campo de Atlanta, na Bacia de Santos, a Enauta adotou medidas para manter a liquidez e reduzir custos. Segundo a empresa, em comunicado ao mercado, a volatilidade do Brent será em parte mitigada por um hedge contratado previamente, com opções de venda a uma média de US\$ 57 por barril, equivalente a 35% e 16% da produção esperada para o primeiro e segundo semestres, respectivamente.

Em outra frente, a empresa, que está em fase inicial de contratação do sistema definitivo de produção no campo de Atlanta, já vai adequar o projeto ao novo cenário de Brent, para tentar torna-lo resiliente a cotações mais baixas.

A petroleira diz possuir mais de R\$ 1,5 bilhão em caixa líquido e entende estar bem posicionada. Por isso, ela pretende manter o plano de investimentos.

A PetroRio, por sua vez, revisou o plano de negócios e decidiu adiar investimentos e reduzir gastos operacionais. Nesse sentido, ela desmobilizou a terceira fase da revitalização do campo de Polvo, na Bacia de Campos. Em comunicado, ela informou ter realizado em janeiro hedge para 100% de sua produção no primeiro trimestre e de 50% no segundo trimestre, com piso de US\$ 65 por barril.

O quadro, porém, é mais delicado para pequenas petroleiras que operam em campos terrestres. Segundo Marcelo Magalhães, vice-presidente da Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Petróleo e Gás (Abpip), a Petrobras, compradora única dessa produção, aplica desconto no preço desse óleo, o que afeta ainda mais a viabilidade financeira do negócio.

A entidade enviou ofício ao **Ministério de Minas e Energia** com propostas para socorrer os pequenos produtores. Entre elas, estão a aplicação de royalties sobre o valor faturado pela Petrobras, em vez de ser sobre o preço de referência, e a redução temporária da alíquota de royalties.

“Esses dois aspectos, no mínimo, são fundamentais para garantir a sobrevivência da nossa atividade”, disse Magalhães, ao **Valor**.

Em transmissão pela internet, feita pelo “político epbr”, agência de notícias de política energética, na última semana, o secretário-executivo adjunto da pasta, Bruno Eustáquio, disse que estão em estudo medidas para o setor. “Estamos avaliando impactos de flexibilização dos percentuais de royalties para campos marginais e de acumulação marginal, por exemplo, à luz do que é praticado hoje”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/04/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Minério de ferro sobe

O minério de ferro iniciou a semana com valorização no mercado transoceânico. De acordo com a publicação especializada “Fastmarkets MB”, o preço da

tonelada de minério com pureza de 62% subiu 1% no porto de Qingdao, para US\$ 85,60. Com isso, em abril, a commodity passou a exibir alta acumulada de 2,7%. Em 2020, porém, há perda de 7%.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/04/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Eneva acena com mais prazo para AES Tietê

A Eneva aumentou a artilharia para tentar fechar negócio com a AES Tietê e incorporar a companhia paulista. A geradora termelétrica sinalizou que pode ampliar o prazo para a aprovação da proposta de combinação de negócios, no valor de R\$ 6,6 bilhões, captou R\$ 410 milhões em uma emissão de debêntures e está disposta a voltar ao mercado para financiar mais de R\$ 1 bilhão, caso o negócio avance entre as partes.

“Ainda precisaríamos de cerca de R\$ 500 milhões para fazer a aquisição em si. Nós pretendemos levantar mais. Não temos um número para dar, vai depender muito das condições de mercado”, afirmou o diretor de Finanças da Eneva, Marcelo Habibe. “Deve vir uma cifra acima de R\$ 1 bilhão, eu diria”, completou.

Os R\$ 410 milhões captados ontem foram obtidos a partir de uma emissão de debêntures, com prazo de um ano e custo de CDI mais 2,5%. Em comunicado ao mercado, sobre a operação, a empresa destacou que possui R\$ 1,8 bilhão em caixa, além de outro montante de R\$ 1,8 bilhão em financiamentos contratados e a desembolsar em 2020 e 2021.

“A companhia acredita que tal posição de liquidez já seria adequada para fazer frente a seus compromissos. A captação visa reforçar ainda mais essa liquidez neste momento de incerteza derivada da pandemia de covid-19, podendo servir também para financiar oportunidades que possam surgir”, acrescentou a Eneva, no documento.

A operação também teve o objetivo de servir como uma demonstração de força da companhia para levar à frente a combinação de negócios com a AES Tietê. Dos R\$ 6,6 bilhões, cerca de R\$ 2,7 bilhões serão pagos em dinheiro e o restante em participação na nova empresa.

“Todo esse mito que se criou nas últimas duas semanas de que não haveria ‘bancabilidade’ da Eneva é uma mentira”, afirmou Habibe. “Não precisamos desse montante. Levantamos [R\$ 410 milhões] primeiro porque estamos em um momento de uma crise que a gente não sabe as proporções. Mas, mais do que isso, levantamos para mostrar que rapidamente conseguimos”, disse.

Além do comunicado ao mercado sobre a operação de debêntures, a Eneva divulgou fato relevante com atualizações sobre a proposta feita à AES Tietê. No documento, a Eneva faz referência a uma nova correspondência enviada à geradora renovável, indicando a possibilidade de postergação do prazo para a provação do negócio pelos acionistas das duas empresas, de 30 de abril.

“Informamos que questionamos a administração da AES Tietê se esta entendia ser útil a prorrogação do prazo da oferta da Eneva - até mesmo considerando os prazos que os assessores da AES Tietê têm tomado para dar andamento ao processo -, para que possa concluir a análise dos benefícios da operação e firmar os documentos necessários à sua implementação, sendo certo que há uma reunião do conselho de administração da Eneva convocada para o dia 21 próximo para tratar da operação”, informou a Eneva, no documento.

A geradora termelétrica informou ter encaminhado à companhia todas as informações solicitadas até o momento e inclusive enviou uma minuta de protocolo de incorporação, que pode sustentar uma convocação para assembleia geral extraordinária para deliberar sobre a proposta.

“A lista de informações [solicitadas pela AES Tietê] é interminável. Só na semana passada nós respondemos por escrito 120 perguntas”, disse o presidente da Eneva, Pedro Zinner. “E grande parte das perguntas são vinculadas a dados públicos. Em nenhuma teve uma discussão do mérito da transação”.

Os executivos da Eneva entendem que a assembleia de acionistas da AES Tietê pode ser solicitada por um acionista relevante, como o BNDES, se não for convocada pelo conselho de administração. O banco é o segundo maior acionista em ações ordinárias da empresa (14,38%), atrás apenas da AES Holdings Brasil (61,57%), mas é o maior acionista considerando o capital total da companhia, com 28,33%, ante 24,28% da subsidiária do grupo americano.

Se a proposta for aprovada, o Cambuhy Investimentos (da família Moreira Salles) e o BTG Pactual, ambos acionistas da Eneva, terão 17,8%, cada um, da nova companhia. A AES terá 5,5%, o BNDES, 6,5%, e a Eletrobras, 1,8%. A empresa não terá controlador definido.

VEÍCULO:	Valor Econômico
Data:	14/04/2020
Seção:	Empresas
Autor:	
Título:	Curtas

Petrobras hiberna polo

O polo de Garoupa, na Bacia de Campos, está entre os ativos que a Petrobras hibernará, frente ao cenário de baixa dos preços do petróleo, informou o Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (Sindipetro-NF). O polo está à venda pela estatal e é composto por onze campos, dos quais oito já estavam parados. Das áreas até então em operação, Cherne, Namorado e Garoupa deixarão de produzir pouco mais de 5 mil barris diários de petróleo, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP). De acordo com o Sindipetro-NF, as seis plataformas que compõem o polo geram cerca de 780 empregos diretos e mais 2,5 mil terceirizados. “A hibernação dessas unidades trazem um impacto muito grande para a região Norte Fluminense, que já vai ser impactada pela queda da arrecadação de royalties”, afirmou Iderley Colombini Neto, pesquisador do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), em live promovida pelo sindicato nas redes sociais neste momento de isolamento.

VEÍCULO:	Valor Econômico
Data:	14/04/2020
Seção:	Finanças
Autor:	Marcelle Gutierrez e Ana Carolina Neira — De São Paulo
Título:	Ibovespa fecha em alta com Vale, Petrobras e papéis do setor bancário

A alta das ações dos bancos e de empresas de commodities garantiram a bolsa brasileira no azul. Diferentemente do visto nas últimas semanas, o desempenho foi na contramão dos índices americanos S&P 500 e Dow Jones, que fecharam no vermelho.

Após ajustes, o Ibovespa fechou na máxima de 78.836 pontos, um avanço de 1,49%. Em abril, o principal índice da bolsa brasileira acumula ganhos de 7,97%. Em 2020, entretanto, a desvalorização é de 31,83%.

Enquanto aguardam o início da temporada de balanços trimestrais, que começa hoje com o setor bancário, os investidores em Wall Street não se mostraram muito otimistas. O Dow Jones recuou 1,39% e o S&P 500 teve baixa de 1,01%.

No Ibovespa, o que segurou o desempenho positivo foi a alta de papéis de peso no índice, principalmente Vale e Petrobras, que seguiram a valorização do minério de ferro e do petróleo. O viés comprador também foi garantido pelos bancos e exportadoras de proteínas.

As ações ordinárias (ON) da Vale subiram 2,98%, com o avanço de 1% do preço do minério de ferro, para US\$ 85,60 a tonelada.

Já Petrobras ON teve alta de 2,61%, enquanto a PN subiu 0,65%. A diferença nos preços dos ativos da estatal petroleira ocorre em função dos dividendos, sendo que a principal vantagem da PN está no pagamento prioritário dos proventos, que foram adiados por conta da pandemia da covid-19. No exterior, o petróleo Brent avançou 0,82%, a US\$ 31,74 o barril.

Entre as maiores altas do Ibovespa na sessão de segunda-feira, destaque ainda para Marfrig ON (5,98%) e, no mesmo setor, JBS ON, com avanço de 4%.

As companhias de proteína são apontadas como as que podem passar mais tranquilamente pela crise causada pela pandemia da covid-19. “Acreditamos que a JBS conseguirá navegar esse curto prazo mais desafiador, devido principalmente ao seu balanço sólido, sua diversificação geográfica e bons fundamentos no médio-longo prazo”, afirma em análise a XP Investimentos.

Além disso, os analistas também comentaram que o baixo patamar do preço das ações surge como um atrativo, principalmente agora que a China vai, aos poucos, recuperando sua atividade econômica e também seu nível de demanda por proteína.

Responsáveis por 20% do Ibovespa, os bancos fecharam no azul, após chegarem a operar no negativo. Itaú Unibanco PN teve avanço de 2,13%, seguido por Bradesco ON (2,71%), Bradesco PN (2,59%), Banco do Brasil ON (1,99%) e Santander units (2,57%).

No noticiário do setor, o Itaú Unibanco anunciou a doação de R\$ 1 bilhão ao combate à covid-19. Os investidores também estiveram atentos à teleconferência do presidente do Bradesco, Octavio de Lazari Jr., que disse que o banco já concedeu mais de R\$ 32 bilhões, acima dos R\$ 26,4 bilhões que teve em compulsórios liberados pelo BC.

O volume financeiro total do Ibovespa no pregão de ontem ficou em R\$ 13,43 bilhões, abaixo da média diária registrada em abril de R\$ 17,3 bilhões.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 14/04/2020****Seção: Agronegócios****Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo****Título: Assembleia de credores da Atvos será dia 17**

Mas, como plano da empresa mudou, não deverá haver votação

A assembleia geral de credores sobre o plano de recuperação judicial da Atvos, braço sucroalcooleiro da Odebrecht, foi marcada pela Justiça para ocorrer de forma virtual no dia 17 de abril, mas não deverá resultar em votação. Isso porque houve alterações significativas quanto ao plano anterior, como a previsão de troca de controle, que poderá ocorrer tanto através de uma aquisição por um ou mais compradores, da abertura de capital ou mesmo por meio da subscrição de bônus por parte dos credores que optarem por ficar com debêntures do grupo com participação nos lucros (DPL).

Com o agendamento de uma assembleia não deliberativa, a Odebrecht evita que o plano da Atvos seja aprovado antes do seu próprio, o que só deverá ocorrer no dia 22. O nova data da assembleia da Atvos foi estabelecida no sábado pelo juiz da recuperação, João de Oliveira Rodrigues Filho, e oficializada em edital do administrador judicial Alvarez & Marsal, publicado ontem.

Pelo novo plano, protocolado no dia 1º, a Atvos poderá buscar compradores e trocar de controle até 31 de março de 2022, quando termina a safra sucroalcooleira 2021/22. Se a venda da companhia tiver sido concluída até lá, metade de sua dívida financeira será convertida em debêntures. Essa conversão também poderá ocorrer a qualquer momento, conforme decisão dos credores. Caso a aquisição da Atvos não tiver sido concluída até o fim da próxima safra, a empresa terá que emitir as debêntures, que darão direito a bônus de subscrição para os credores financeiros, entre os quais bancos e os fundos LoneStar e Castllake.

O plano prevê, ainda, que os compradores do controle da NewCo (companhia que será criada e detida pela Atvos Agroindustrial) também receberão debêntures conversíveis em ações da Atvos (chamada de “tranche acionista”), de forma que os acionistas terão 10% da dívida financeira convertida em debêntures.

A Atvos corre para garantir a aprovação de seu novo plano enquanto sofre com a restrição de caixa causada pela crise decorrente da pandemia de coronavírus. A crise tem tido duros reflexos para a companhia, que tem flexibilidade irrisória para reduzir sua exposição ao etanol, mais afetado que o açúcar ante o tombo do petróleo e o derretimento da demanda. Responsável por 10% da produção de etanol do Centro-Sul, a Atvos pode direcionar até 6% de sua cana para o açúcar, enquanto a média do Centro-Sul chega a 50%.

Outra pressão que a companhia vem sofrendo é a retenção dos recebíveis de energia por parte de credores extraconcursais, de R\$ 40 milhões ao mês, que ocorre desde o início do ano. A liberação só deve ocorrer com a aprovação do plano.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 14/04/2020

Seção: Colunas

Autor: ALINE BRONZATI, CYNTHIA DECLOEDT, FERNANDA GUIMARÃES, AMANDA PUPPO E ANNE WARTH

Título: » Demissões

Coluna do Broadcast

A crise começou a ter impacto entre os principais fornecedores da indústria de petróleo e gás. Na semana passada, a Aker Solutions demitiu quase 30 empregados em várias unidades do País, a maioria na área administrativa e gerencial. A empresa produz equipamentos para exploração de petróleo em águas profundas.

» Crise. Procurada, a Aker informou que alguns dos principais clientes cancelaram investimentos, o que, consequentemente, reduziu a carteira de projetos da empresa. “A companhia tem tomado medidas para assegurar a sustentabilidade das operações no Brasil, desde a redução em custos diretos e indiretos, bem como ajustes no seu quadro de colaboradores”, disse, em nota.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 14/04/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona e Diego Garcia

Título: Governo estuda reduzir imposto e dar crédito para socorrer usinas

Rio de Janeiro e Santos O governo estuda reduzir impostos e conceder crédito para ajudar produtores de etanol a enfrentarem a crise gerada pela pandemia

do coronavírus. O setor diz temer que a redução do preço da gasolina e a queda nas vendas provoque quebra generalizada.

Ainda não há dados fechados sobre a queda nas vendas, mas a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) diz que o movimento começou há algumas semanas, com os sucessivos cortes no preço da gasolina, que minaram a competitividade do etanol.

Há duas semanas, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), abastecer com etanol só era vantajoso em São Paulo e Goiás — a conta considera que etanol só é eficiente se custar até 70% do preço da gasolina.

“A produção de petróleo deu uma encalhada, a cotação foi lá embaixo e [a gasolina] está muito melhor”, diz o gerente de inovação Celso Santi, 31, morador de Maringá (PR).

“Eu gostaria que o governo tivesse uma ação para o etanol acompanhar e também ficar mais barato.”

Na semana passada, segundo a ANP o preço médio do etanol caiu 5% nas bombas (a gasolina caiu 2,5%), e Mato Grosso entrou na lista dos estados onde o biocombustível é mais vantajoso. Na média nacional, o preço do etanol equivale a 68% do da gasolina.

O diretor técnico da Unica, Antônio Pádua, diz que as usinas já perceberam queda nas vendas em março. Ele espera que os preços retomem a competitividade nas próximas semanas, com o repasse aos postos da queda nas usinas —que soma 28% desde a segunda semana de março.

O ganho, porém, se dará sobre um mercado muito menor. “Agora, na primeira quinzena de abril é que o consumo vai apresentar queda significativa”, afirma. A crise, diz, pega ao menos 30% das empresas com elevado endividamento.

O mercado entende que a isenção temporária da cobrança de PIS/Cofins sobre o produto já é consenso no governo. A alíquota atual é de R\$ 0,24 por litro (R\$ 0,13 cobrados dos produtores e R\$ 0,11 dos distribuidores).

O Ministério da Agricultura diz que detalhes ainda estão sendo discutidos com o Ministério da Economia. As duas partes também avaliam uma linha de crédito para financiar estoques e reduzir o prejuízo do consumidor enquanto o consumo não retoma.

O setor pede ainda aumento da Cide na gasolina, hoje em R\$ 0,10 por litro. A medida estaria sendo avaliada pelo **Ministério de Minas e Energia**, que não respondeu ao pedido de informações sobre o tema.

No início de março, o presidente Jair Bolsonaro se mostrou contrário à elevação da carga tributária sobre o combustível, então proposta pela pasta para formar um colchão e diluir o repasse da volatilidade internacional das cotações do petróleo para as bombas.

“Agora estamos em situação de guerra”, defende Pádua, citando que o setor gera mais de 75 mil empregos diretos.

A redução na demanda por combustíveis abriu discussões também sobre o Renovabio, criado em 2016 para financiar a expansão de biocombustíveis. Distribuidoras pedem o adiamento do início do programa, previsto para 2020.

O Renovabio determina que vendedores de derivados de petróleo comprem dos produtores de biocombustíveis certificados de descarbonização em volume equivalente ao montante de combustíveis que comercializam.

A ideia é penalizar o comércio de combustíveis mais poluentes. As empresas do setor alegam, porém, que as metas individuais de compra de certificados foram calculadas com base no consumo de 2019.

Presidente da distribuidora Rodoil, Roberto Tonietto diz que suas vendas de gasolina caíram 70% e as de diesel, 30%. A empresa tem uma rede de 400 postos e abastece outros 2.000 de bandeira branca.

“É algo que vou ter que passar para o preço, não tem como arcar com isso”, diz. Segundo ele, além da queda de consumo, não há sinais de qual seria o preço dos certificados.

“A gente não sabe se já chegou no pico [da pandemia], quando vai normalizar.”

A Unica é contrária ao adiamento do programa, mas diz que o governo pode calibrar as metas. A pasta de Minas e Energia não respondeu.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 14/04/2020

Seção: Mundo

Autor: Flávia Mantovani

Título: Sem água e gás, brasileiros tentam sair da Venezuela

Voo buscará funcionários de embaixada, mas não se sabe se trará turistas

Viçosa (MG)- Um grupo de brasileiros que ficou retido na Venezuela após a proibição de viagens aéreas e terrestres no país devido à pandemia de coronavírus aguarda há quase um mês por notícias sobre uma possível repatriação.

A situação é agravada pelo fechamento definitivo da embaixada e do consulado em Caracas no último mês, em um contexto de crise diplomática entre os dois países.

Além disso, a alta no preço de alimentos durante a quarentena, a falta de gás, energia elétrica e até água — o que impede a higienização recomendada para proteção contra o vírus — e o racionamento de combustível que fez o produto praticamente desaparecer do mercado tornam a rotina país, já precária por causa da crise econômica, ainda pior durante a pandemia.

“Quando cheguei aqui, o dólar eqüivalia a 72 mil bolívares. Em menos de duas semanas, foi para 127 mil. A comida é vendida em dólar, então o preço quase dobrou”, conta o analista de sistemas Thawler Santos, 31.

“Além disso, a gente só tem água uma hora na parte da manhã e uma hora na parte da noite. Tem que ir ao supermercado na hora em que tem água, ou não conseguimos higienizar as mãos depois.”

Natural de Minas Gerais, o brasileiro, que passou dois meses fazendo trabalho voluntário em Caracas em 2015, juntou dinheiro para voltar à cidade por ela primeira vez e visitar a família que o hospedou.

Chegou em 8 de março, com voo de volta marcado para 3 de abril. Não conseguiu mais sair. O ditador venezuelano, Nicolás Maduro, decretou uma quarentena rígida a partir de 16 de março, prorrogada por 30 dias neste domingo (12).

“Eu sabia que a embaixada ia fechar, então entrei em contato o antes que pude, mas não conseguia uma resposta. Estou buscando formas de ir embora por terra, mas seria muito burocrático conseguir viajar e não achamos gasolina suficiente. Se por ventura ficássemos sem, no meio da estrada, seria pior ainda do que ficar aqui”, diz Thawler.

Caso consigam chegar até a fronteira com Roraima, os brasileiros poderão atravessar, pois a entrada de cidadãos está autorizada. O problema é chegar até lá, pois entradas e saídas das cidades venezuelanas estão fechadas.

Durante a quarentena, Maduro anunciou racionamento e atribuiu o problema ao bloqueio naval dos EUA, que estaria impedindo a chegada de insumos necessários para a produção do combustível.

Apesar de ter as maiores reservas de petróleo do mundo, a Venezuela enfrenta escassez de gasolina há algum tempo, com filas enormes de veículos nos postos para abastecer.

Entre as explicações, a deterioração da infraestrutura das refinarias, que trabalham com baixíssima capacidade, a falta de investimento e a corrupção na empresa estatal que cuida do setor.

A reportagem da Folha soube de um grupo de ao menos quatro brasileiros na mesma

situação de Thawler — ou seja, não residem na Venezuela e ficaram retidos no país após o início da quarentena. Esse grupo soube ainda de outras três pessoas que seguem no país, ou seja, seriam ao menos oito. O Itamaraty não informou quantos entraram em contato para pedir repatriação.

Começou a circular entre esses brasileiros a notícia de que um voo da FAB (Força Aérea Brasileira) sairá da Venezuela no dia 17, levando funcionários do Itamaraty que ainda estão lá, mas não há confirmação de que haverá espaço para quem quer a repatriação.

Questionado, o Itamaraty confirmou que enviará aeronave para buscar seus funcionários e que, em um primeiro momento, não havia sido planejada a inclusão dos brasileiros não residentes retidos, pois estavam sendo buscadas outras soluções para eles.

“Não tendo frutificado as outras soluções, estamos negociando junto à FAB a inclusão desses nacionais no voo que trará os funcionários do governo brasileiro, em data ainda a ser definida e que depende da finalização de sua missão em Caracas”, diz anota.

A falta de informações é uma queixa comum a brasileiros nessa situação. Um deles é o internacionalista Frank Padilha, 23, que mora em Manaus e no dia 11 de março foi visitar a mãe, a irmã e a tia na cidade de Valencia, no norte venezuelano. Seu voo de volta foi adiado duas vezes — na última, para 2 de maio, mas esse também foi cancelado.

“Contatei o Itamaraty várias vezes, preenchi três vezes os formulários deles e da Anac, tentei ligar várias vezes para o número do plantão consular, falei com números em Brasília. Até agora não sei se vou conseguir voltar.” A família está há uma semana sem água e não consegue encontrar no mercado álcool em gel

nem gás. Cozinham em um fogareiro elétrico. Eles também estão há três semanas sem internet.

Thawler está sem internet e paga US\$10 (R\$ 52) para usar a de um vizinho. É o único jeito de continuar trabalhando a distância, já que suas férias acabaram há mais de uma semana. “Consegui uns dias a mais, mas não posso abandonar o trabalho. Precisamos de um jeito de sair daqui.”

VEÍCULO: O Globo

Data: 14/04/2020

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Gás canalizado e GNV terão preços menores no Rio a partir de maio

Os preços do gás natural canalizado fornecido pelas companhias CEG e CEG Rio, do grupo Naturgy, para todos os consumidores no Estado do Rio sofrerão uma redução a partir do dia 1º de maio. Na capital e região metropolitana, o gás residencial cairá, em média, 2,5%. Já o comercial e o industrial, 3,2% e 5,3%, respectivamente. A maior diferença será no gás natural veicular (GNV): queda de 7,7%.

Na área atendida pela CEG Rio, no interior, os percentuais médios de redução serão de aproximadamente 3,6% para os consumidores residenciais, 5,4% para o comercial, de 6,5% a 8,5% para o industrial e de 8,8% para os automóveis movidos a GNV.

De acordo com a Naturgy, a medida decorre da redução do custo do gás fornecido pela Petrobras. As tarifas de gás no Rio são reajustadas a cada três meses, com a aprovação da Agenera, agência reguladora do setor de energia e saneamento básico do Rio de Janeiro.

A distribuidora ressaltou que, seguindo orientações do governo do Estado do Rio, em caráter excepcional, suspendeu o corte do fornecimento de gás canalizado por inadimplência em toda a área atendida pela empresa, que tem mais de um milhão de clientes. A empresa também oferece parcelamento de débitos aos clientes em dificuldades.

A Naturgy informou também que acertou com a Petrobras e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Energia e Relações Internacionais do Rio a flexibilização dos contratos de compra de gás natural. A medida permite que as indústrias fluminenses paguem somente pelo gás consumido e não pelos volumes previstos em contrato, ficando isentas de cobrança de penalidades contratuais decorrentes da redução da demanda com atividades paralisadas para a contenção da pandemia.

VEÍCULO: O Globo**Data: 14/04/2020****Seção: Economia****Autor: GABRIEL MARTINS****Título: Medo de recessão gera nova onda de valorização do dólar**

Moeda sobe 1,72% e fecha os negócios a R\$ 5,18. Bolsa tem ganho de 1,49%

A forte alta do dólar nos mercados internacionais, puxada pelas incertezas dos investidores sobre o tamanho da recessão econômica que o planeta enfrentará por conta da pandemia do coronavírus, gerou reflexos no mercado de câmbio brasileiro. A perspectiva de uma retração de quase 2% no Brasil também pesou nos negócios, o que levou a divisa a bater em R\$ 5,18, alta de 1,72%.

A nova onda de busca por proteção, que gera valorizações da moeda americana, está sendo puxada dessa vez por conta do início da temporada de balanços das empresas nos Estados Unidos. Os resultados mostrarão os primeiros impactos da pandemia sobre os negócios. Segundo projeção da agência Bloomberg, as companhias dos EUA devem registrar queda de 11% nos lucros do primeiro trimestre.

— Com a apresentação dos números, vamos ver outros impactos do coronavírus na economia, por meio de lucros e vendas — afirmou Rebeca Nevares, sócia da Ella's Investimentos.

No cenário interno, a pesquisa semanal do Banco Central mostrou que o mercado já espera uma retração de 1,96% para a economia brasileira este ano. Até semana passada, a estimativa era de um recuo de 1,18%.

As discussões no Congresso sobre o pacote de ajuda aos estados também têm azedado o humor dos investidores locais.

Diante disso, o BC voltou a atuar para evitar maior volatilidade do dólar.

Na Bolsa, o mercado de ações local conseguiu se descolar das praças americanas e garantiu uma valorização de 1,49%, aos 78.835 pontos, na máxima do dia.

— Preço do petróleo em alta no mercado internacional e minério em alta na China deram o tom positivo por aqui com Vale e Petrobras despontando — afirmou o economista-chefe do banco digital Modalmais, Álvaro Bandeira.

As ações ordinárias (ON, com direito a voto) e preferenciais (PN, sem direito a voto) da Petrobras subiram, respectivamente, 2,61% e 0,65%. As ordinárias da Vale tiveram alta de 2,98%.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data: 14/04/2020****Seção: Negócios****Autor: Simone Kafruni****Título: Menos 10 milhões/dia de barris de petróleo**

Com a queda global na demanda e no preço do barril de petróleo, os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (Opep+), como Rússia e Canadá, fecharam um acordo de corte de produção de quase 10 milhões de barris por dia (bpd), de 1º de maio até 30 de junho, anunciado no domingo. Ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escreveu no Twitter que a redução será de 20 milhões/bpd. O preço da commodity, no entanto, não reagiu nem a um nem a outro anúncio: teve um dia extremamente volátil, mas ficou em torno de US\$ 30.

O barril de petróleo abaixo de US\$ 30 não interessa a ninguém, segundo Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura. “A demanda caiu 35 milhões/bpd, o que equivale ao consumo dos EUA mais o da China antes da crise”, alertou. Ele ressaltou que a Opep decidiu determinar cortes futuros a partir de maio. “Arábia Saudita e Rússia estão tentando especular o preço do petróleo no mercado futuro, porque no presente os preços vão continuar caindo junto com o consumo. Os estoques estão altos, não tem onde armazenar petróleo no mundo”, disse.

Segundo Adriano, os dois países estão usando a arma geopolítica. No início do ano, a Arábia Saudita aumentou a produção em 30% para derrubar o preço e afetar os EUA. “Rússia e Arábia Saudita foram surpreendidos pela crise do coronavírus. Hoje só tem perdedor com barril a US\$ 30. E a volatilidade deve se manter nas próximas semanas, porque a economia não vai se recuperar. O preço só vai voltar a remunerar quando a economia voltar a crescer”, observou.

Na opinião de Leonardo Trevisan, economista e professor de Relações Internacionais da ESPM SP, Trump percebeu que o corte de 10 milhões/bpd seria insuficiente. “Ele tentou ganhar tempo no mercado, fazendo uma promessa de que o corte seria de 20 milhões. O mercado não comprou. Tanto que o preço foi extremamente volátil em torno de US\$ 30 e US\$ 31,5. No mercado futuro, houve queda de 2%. Ou seja, o mercado não acreditou nem no corte de 10 milhões/bdp”, disse.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data:** 14/04/2020**Seção:** Negócios**Autor:****Título:** ANP garante que não falta gás

A Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis anunciou, ontem, que não vai flexibilizar as regras vigentes sobre o gás de cozinha. O produto está em falta em várias cidades embora o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, tenha afirmado que há vários carregamentos de importação agendados para garantir o abastecimento.

Por isso, a ANP tem recebido solicitações para permitir a regra que impede que as distribuidoras de gás encham botijões de outras marcas, além da sua própria. O chamado “processo de troca dos botijões” estaria, segundo as empresas, prejudicando o abastecimento. Mas o pedido foi negado, e a regra atual, mantida. A agência concluiu que esse tipo de flexibilização não contribui para solucionar problemas pontuais — causado, sobretudo, pela especulação contra os consumidores, devido à estocagem de botijões para forçar o aumento de preço.

Diante de informações de desaparecimento dos botijões, agentes de fiscalização da ANP vêm monitorando as 27 bases de distribuição e os cinco centros de troca de botijões de GLP de todo o Brasil. Até o momento, foram identificadas somente restrições momentâneas no suprimento.

Por meio de nota, a ANP justificou a decisão afirmando que “a flexibilização das regras atuais sobre enchimento de botijões exige a realização de consulta e de audiência pública, uma vez que elas afetam direitos econômicos e visam à defesa de direitos básicos do consumidor quanto à segurança”.

O tema consta na atual agenda regulatória da agência, que prevê a discussão sobre uma possível flexibilização nas normas sobre enchimento de botijões de outras marcas. “No momento em que essas discussões se iniciarem, todos os agentes interessados serão convidados a participar e apresentar os estudos e argumentos que considerarem pertinentes”, justificou a ANP, para manter as regras atuais.

E garantiu que atuará contra os especuladores. “A ANP está comprometida em minimizar os danos causados pelo momento que atravessamos. Desta forma, os indicadores de saúde do mercado estão sendo monitorados atentamente para que a agência atue, sempre que necessário”, salientou.

MME / ASCOM .